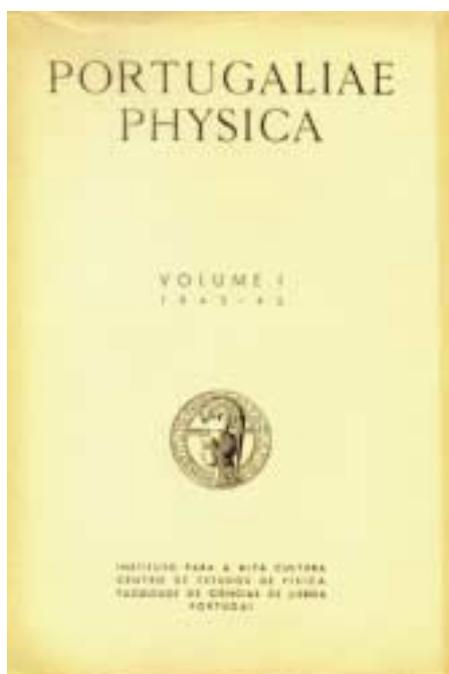


25 anos da SPF

Sem aspirar a fazer a história dos últimos 25 anos da Sociedade Portuguesa de Física, o autor dá a conhecer, através de um depoimento pessoal, a sua experiência de um quarto de século como dirigente e membro activo da sociedade.

J. Moreira Araújo*



Não pretendo fazer aqui a história da Sociedade Portuguesa de Física (SPF) nos últimos 25 anos. De resto esta encontra-se, nas suas linhas gerais, contida nos relatórios trienais dos sucessivos Conselhos Directivos. Limitar-me-ei, pois, a um breve depoimento pessoal.

A minha colaboração com a SPF foi relativamente intensa durante 12 anos, de 1975 a 1986. Após a excitação desses anos regressei ao “estado fundamental” de sócio 4001, o qual continuou a colaborar pelo menos uma vez por ano, ao pagar a sua quota. Houve algumas coisas mais, mas nada de muito importante.

Apenas irei aflorar dois temas: publicações e relações internacionais. Por um lado, são assuntos assaz neutros, não privilegiando qualquer área científica ou divisão; por outro, foram dos que mais tempo me ocuparam. Não poderei evitar curtas incursões pela pré-história da SPF e, aqui ou ali, terei de me referir a alguns factos mais recentes.

Publicações

Em 1943 era criada, no Centro de Física do Instituto para a Alta Cultura, na Faculdade de Ciências de Lisboa, a revista *Portugaliae Physica* (ver Fig. 1). A comissão de redacção era formada por Cyrillo Soares (editor), M. Teles Antunes, A. Marques da Silva e Manuel Valadares. Volvidos três anos, em 1946, surge a *Gazeta de Física*, dirigida por Jaime Xavier de Brito, Rómulo de Carvalho, Armando Gibert e Lídia Salgueiro (ver Fig. 2). Quase todos já não estão entre nós.

A SPF só surgiria em 1974, a 19 de Abril. Mas logo na sua primeira Assembleia Geral, em Janeiro de 1975, em Coimbra, decide que o futuro Conselho Directivo “diligencie no sentido daquelas duas revistas passarem a ser órgãos da SPF”. Isso viria a ser conseguido e a *Gazeta de Física*, que cessara publicação em 1974, reaparece em 1978 por ocasião da 1ª Conferência Nacional de Física (“Física 78”), na Fundação Gulbenkian.

um depoimento breve

Naquele início de 1975 eu não sonhava que viria a ser o primeiro presidente da SPF, nem tão pouco que me veria envolvido na publicação das duas revistas. Mas o segundo Conselho Directivo (1978-1980), presidido pelo Prof. João da Providência, pede-me para tentar ressuscitar a *Portugaliae Physica*, que não aparecia desde 1975. Não era a primeira “crise”: a partir de 1947 a publicação dessa revista tornara-se irregular, cessando de todo em 1954, para só reaparecer dez anos mais tarde. Embora pudesse interrogar-me “porquê eu?”, a verdade é que não era aceitável que a SPF tivesse adquirido graciosamente os direitos ao título *Portugaliae Physica* para depois desprezar a sua publicação! Aceitei por um mandato. Acabaram por ser três em vez de um: como dizer não ao terceiro presidente da Sociedade, o Prof. Fernando Bragança Gil, ou mesmo ao quarto, que era, novamente, eu? Conseguimos – eu e a dedicada comissão redactorial – a publicação regular durante oito anos consecutivos: perto de duas mil páginas, quase centena e meia de artigos, colaboração e assinaturas do estrangeiro, alguns elogiosos sinais de apreço a nível internacional, etc. Terá valido a pena, agora que sabemos que a *Portugaliae Physica* não se publica de novo, vai para sete anos? Aceito, sem dificuldade ou reservas, que muitos pensem que não valeu de todo a pena, ou que poderia ter valido mas em moldes diferentes. Pessoalmente não tenho remorsos, acho que era um dever fazer o que então foi feito ^[1].

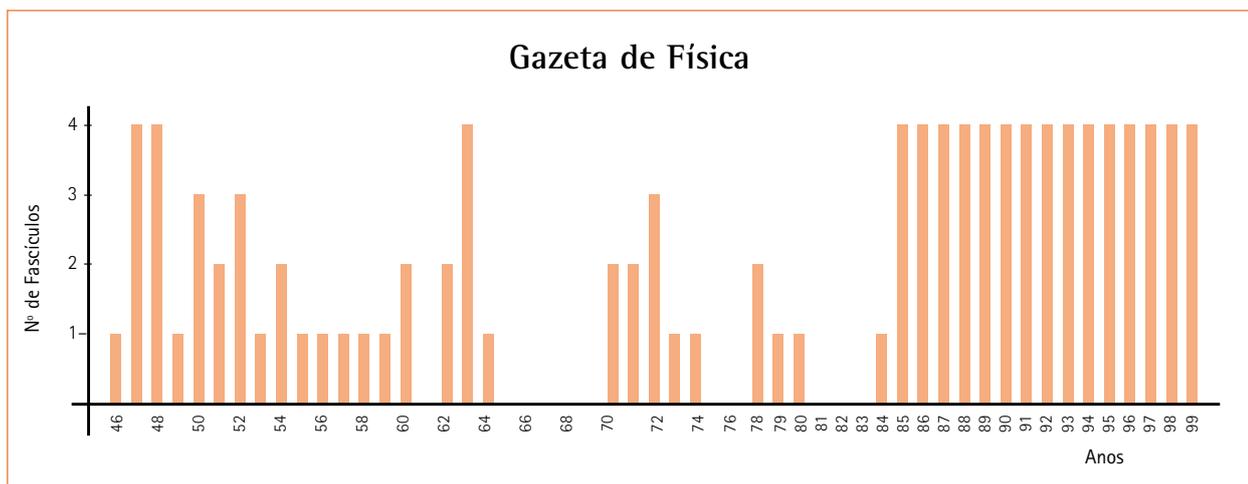
E a *Gazeta*? Já vimos que a sua publicação fora retomada em 1978. Mas acabaria por ser uma falsa partida, com nova interrupção por quatro longos anos (ver Fig. 3). O Conselho Directivo que assume funções em 1984 toma uma decisão feliz: em lugar de confirmar ou substituir um director, para depois procurar um outro e assim sucessiva-

mente, resolve assumir-se ela própria como comissão de redacção. E a verdade é que tem existido publicação regular, trimestral, há quase 15 anos. Aquela solução continha implicitamente um mecanismo de renovação, que foi ocorrendo; e gostaria de aproveitar a oportunidade para saudar a mais recente metamorfose, com o seu toque de modernidade e grafismo profissional, que poderá recuperar muitos “sócios pródigos” e atrair novos, de todas as idades.

A minha experiência com as duas revistas mostrou-me como pode ser difícil, entre nós, garantir uma publicação regular, com nível científico e gráfico aceitável, mesmo quando os apoios financeiros estejam, em princípio “garantidos” – venham eles de onde vierem. Interrogo-me como terá sido possível, nos anos 40 e 50, manter vivas as revistas quando não existiam subsídios, os autores potenciais eram muito menos numerosos, as dificuldades de toda a ordem, etc. Por isso, foi bem justo que a *Portugaliae Physica* não esquecesse as memórias de Cyrillo Soares e de Manuel Valadares, falecidos em 1950 e 1992. Do mesmo modo, também a SPF se honrou ao eleger Manuel Valadares como seu primeiro sócio honorário, em 1978.

Por sua vez, a *Gazeta de Física* não deixou de homenagear o seu fundador, Armando Gibert, falecido em 1985, bem como, muito recentemente, Rómulo de Carvalho, desaparecido quando a *Gazeta* comemorava os seus 50 anos ^[2].

Apesar de tudo o que foi sendo feito, ainda me parece oportuno exprimir publicamente o nosso apreço pelo esforço de todos aqueles antecessores que combateram o bom combate, na investigação, no ensino e na divulgação, com qualidade, da nossa ciência.



Relações Internacionais

A Sociedade Europeia de Física (European Physical Society, EPS) foi fundada em Setembro de 1968. Contrariando o espírito da época, essa sociedade procura, desde o início, congrega físicos de todos os países europeus, de oriente e de ocidente.

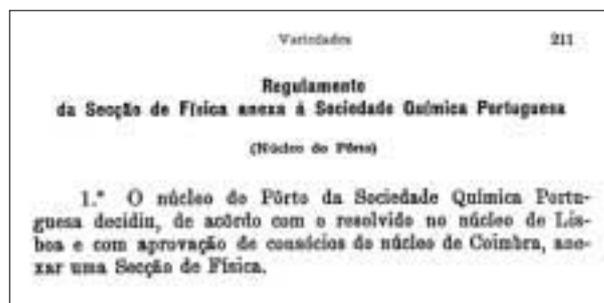
A adesão portuguesa só ocorre em Fevereiro de 1970, mais de quatro anos antes da fundação da SPF. Seja-me permitida aqui mais uma pequena incursão na pré-história da SPF.



Em 1912, três químicos portuenses criam a Sociedade Chimica Portuguesa. Foram eles A. J. Ferreira da Silva, Alberto d'Aguiar e J. Pereira Salgado, que a Sociedade Portuguesa de Quimica (SPQ) homenageou ao celebrar os 75 anos daquele acto fundador (Fig. 4). Sete anos antes, em 1905, os mesmos químicos

tinham lançado a *Revista de Chimica Pura e Applicada* (ver Fig. 5).

Em 1917 surgem *Secções de Physica*; o correspondente regulamento é mesmo publicado na Revista, embora numa secção intitulada... "Variedades" (ver Fig. 6). Mais tarde, em 1927, a Sociedade passaria a chamar-se Sociedade Portuguesa de Quimica e Fisica (SPQF); mas continuaríamos a ser o "parente pobre".



Foi através daquela sociedade mista que teve lugar a adesão à Sociedade Europeia de Física. O facto é assinalado na Gazeta através de uma nota assinada por Maria Teresa Gonçalves; não encontrei qualquer referência na Revista da SPQF. A participação portuguesa em reuniões ou actividades da EPS manter-se-ia porém quase nula, durante muitos anos. Em 1984, catorze anos após a nossa adesão, o número de portugueses sócios individuais da EPS não passava de oito, num total de quase 2300. Mas isso iria mudar!

Em 1981 a EPS organiza em Istambul uma das suas conferências trienais "Trends in Physics", precedida de um seminário sobre "The Problems of Physics in Developing Regions in Europe". Este era uma iniciativa da comissão consultiva "Physics and Society", com o apoio da UNESCO e do ICTP. Esperavam os organizadores dispor de auto-avaliações preparadas por físicos não só de Portugal, Espanha, Grécia e Turquia, mas também de regiões do sul de Itália, bem como da maior parte dos países da Europa Oriental. Houve, no entanto, falhas de comparência, algumas muito notadas.

Com vista ao referido simpósio redigimos, o Prof. Bragança Gil e eu, um documento que intitulámos "Physics in Portugal – A preliminary report". Relendo-o, continuo a pensar que era despretenciosamente honesto, não ocultando qualquer das nossas carências ou dificuldades. Terminava com uma secção, "Thoughts and Recommendations", em que se sugeriam formas concretas de apoio, desejável e aparentemente possível, por parte da EPS, UNESCO, etc.

A Espanha fez-se representar pelo Prof. Federico Garcia Moliner, da Universidade Autónoma de Madrid. Tivemos então, os três, longas conversas com o Dr. Raither, da Divisão de Ensino Superior e Investigação da Unesco, Paris. Daí resultaria a ideia de um primeiro acordo, com a duração de seis anos, entre as sociedades de Física dos dois países ibéricos, através das suas Divisões de Matéria Condensada, as quais promoveriam, conjunta e alternadamente, simpósios e escolas de Verão, abertos também à participação de físicos da América Latina e dos países africanos lusófonos; tudo isso com o apoio financeiro da UNESCO. Aquela bem sucedida colaboração viria a generalizar-se a outras áreas (Física Nuclear, Física

Atômica e Molecular, Vazio, Ensino da Física, etc.) e a aprofundar-se. É um dos exemplos felizes das muitas relações bilaterais estabelecidas com êxito, ao longo dos anos, pelos sucessivos Conselhos Directivos da SPF.

Na sequência do simpósio de Istambul a UNESCO viria, também, a disponibilizar à EPS fundos para apoio à presença, em comissões, de membros de sociedades de alguns países europeus.

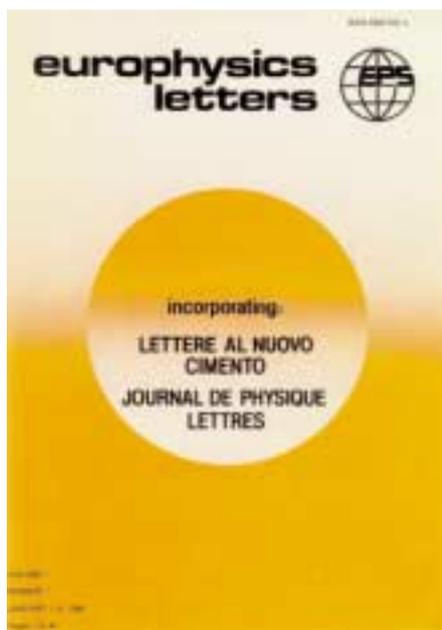
Em Março de 1983, o Conselho Directivo da SPF propõe-me que tome parte na reunião da Comissão de Publicações, em Copenhaga, onde decorria uma conferência sobre “Large Facilities in Physics”. Era presidente da SPF o Prof. Bragança Gil, secretário-geral o Prof. Farinha Martins, e secretário-adjunto para assuntos internacionais o Prof. Dias de Deus. Com grande eficácia, o Secretariado envia-me um dossier volumoso com os documentos recebidos da comissão de publicações ao longo dos anos, que procuro estudar com bastante cuidado. Haveria, no entanto, uma consequência da ida a Copenhaga que nada teve a ver com aquela preparação: foi um simples acaso, coisa que costuma interessar muita gente, até mesmo físicos.

Passeando por Copenhaga numa tarde de domingo, procurando lugares ou recantos que recordava de quase 25 anos antes, fui interpelado por um senhor que me pareceu falar um dinamarquês “estranho”. Eu também não teria entendido um dinamarquês perfeito e disse-lho, em inglês. Fiquei a saber que aquele senhor idoso (ou assim me pareceu na altura) não sabia como regressar ao hotel perto da praça central de Copenhaga, a Rådhus Pladsen. Sosseguei-o, pois isso sabia eu, e lá fomos andando e conversando, uma vez que eu ia para os mesmos lados. Era o Prof. Kai Siegbahn, prémio Nobel da Física de 1980, ao tempo presidente da União Internacional de Física Pura e Aplicada (IUPAP). Veio-me à ideia, na altura, uma disposição dos nossos Estatutos (art. 1º, alínea d): um dos fins da SPF é “estabelecer contacto com sociedades científicas, nacionais e estrangeiras, e filiar-se nas uniões internacionais da sua especialidade”. Entretanto o Prof. Siegbahn dizia-me que tinha esperança que a China ingressasse na IUPAP durante o seu mandato, mas que persistiam dificuldades. Encorajado, respondi que não o podia ajudar quanto à China mas que quase podia “garantir” uma outra adesão, bem mais fácil, até porque nós éramos muitos menos que os chineses. Sorriu, deu-me alguns conselhos e garantiu que o Secretário da IUPAP enviaria os documentos necessários. Houve depois, já em 1984, que obter a confirmação que o INIC seria responsável pelo pagamento da nossa quota (na altura 900 dólares) e a admissão de Portugal seria aprovada na 18ª Assembleia Geral da IUPAP (Trieste, em Outubro de 1984). Para completar a história: constou que nos anos 60 teria havido uma tentativa de admissão na IUPAP, inviabilizada

por razões políticas. A verdade é que em 1983 Portugal fazia já parte de 14 das 18 Uniões Internacionais então existentes; mas não da IUPAP! Mesmo depois de 1974 ninguém se lembrara de reparar aquela falta: nem a Academia, nem instituições como o INIC ou a JNICT, nem – valha a verdade – nós próprios. Mais tarde ou mais cedo isso seria corrigido, mas tenho gosto que tenha sido a SPF a tomar a iniciativa e agradeço aos caprichosos mecanismos do acaso.

Mas voltemos à reunião da Comissão de Publicações, em que pude participar activamente por ter feito o tal trabalho de casa (motivo de surpresa para alguns “veteranos”, como mais tarde me seria contado). Um tópico importante era o esperado lançamento da revista *Europhysics Letters* (ver Fig. 7), que se pretendia viesse a ter projecção comparável à conceituada publicação norte-americana *Physical Review Letters*. Estava sobre a mesa a quarta versão de um projecto de acordo que envolvia essencialmente:

- (i) as Sociedades de Física italiana e francesa, que deixariam de publicar *Lettere al Nuovo Cimento* e *Journal de Physique Lettres*, respectivamente;
- (ii) o Institute of Physics (IoP), que contribuía com 150 000 francos suíços e prometia tentar encaminhar para a nova revista algumas cartas que vinham sendo recebidas nos vários *Journal of Physics* (A-G);
- (iii) a EPS, que ao dar o nome e a orientação científica garantia para si, sem despesas, uma quota de 10 por cento.



Tinha havido tentativas de aliciar a North-Holland (*Physics Letters A e B*) e a Springer (*Zeitschrift fuer Physik*), mas sem sucesso.

A Comissão de Publicações era um mundo complexo, com representantes de todos os países membros, representantes

de todas as Divisões científicas e representantes dos editores membros associados da EPS (IoP, Taylor & Francis, North-Holland, Editions de Physique, Springer, etc). Uma vez mais, mal imaginava eu que me veria, ano e meio depois, escolhido para presidir a uma tal comissão! Na altura (1983) perguntei de imediato se a participação de outras sociedades em *Europhysics Letters* estava ainda em aberto. Foi-me respondido que sim, mas não fiquei muito convencido; e passámos a insistir, eu e outros, que era inaceitável excluir à partida outras participações num projecto que se pretendia europeu. A consulta às sociedades membros acabaria por ter lugar em 1984 e a SPF responderia que sim, com a quota mínima, 10 000 francos suíços, na época uns 700 contos. Como nós (embora por vezes com quotas maiores), responderam positivamente outras sete sociedades (contando como uma unidade o consórcio dos cinco países nórdicos). Ao fim e ao cabo, todos estes aderentes acabariam por ter um estatuto especial (“associate partners”) e as suas contribuições financeiras serviriam tão só de fundo de reserva, a que só se recorreria em caso de necessidade.

A verdade é que a SPF não tinha os 700 contos; tanto quanto me lembro, o saldo mais significativo, em finais de 1983, era o da *Portugaliae Physica*, cerca de 300 contos. Fizemos o que na altura era habitual: escrevemos à Fundação Gulbenkian, explicando claramente o que estava em jogo e pedindo uma contribuição. A Fundação surpreendeu-nos, concedendo a totalidade da verba em causa; ainda estou grato, e já passaram 15 anos! É que, em última análise, o Conselho Directivo tinha delegado em mim a decisão final...

Os experientes “peritos” das editoras previam que não seria necessário recorrer ao fundo de reserva. Mas enganaram-se: o número de assinaturas não cresceu com a rapidez antecipada, o afluxo de manuscritos de muito boa qualidade excedeu todas as previsões. Ao dilema entre “não respeitar os preços de assinatura anunciados” ou “rejeitar administrativamente alguns trabalhos de qualidade” foi respondido – a meu ver muito bem – que nem uma coisa nem outra: os fascículos cresceram... e o défice também; houve que recorrer ao fundo de reserva! E quando tudo fazia crer que o pacto social sofreria a alteração prevista desde o início, surge um dos sócios principais a propor que fossem aumentados os valores das quotas desses sócios, não respeitando os direitos dos “minoritários”. Estava-se no início de 1987, um ano após o lançamento da revista, e no verso da capa figuravam os proprietários (“owned by”) e os associados (“associate partners”). Talvez algum outro sócio da SPF se recorde da troca de palavras bem duras que tive com responsáveis da EPS, numa caminhada ao longo das margens do lago Como. Claro que não fui o único a protestar energicamente, mas competia-me fazê-lo, não só pela SPF mas também como presidente da Comissão de Publicações.

Na minha opinião, mais que a “manobra” de um dos sócios principais, era criticável que a EPS não tivesse condenado, com clareza e desde o início, aquela tentativa de... “apropriação”. Tudo acabaria em bem com a assinatura de um novo pacto social, em que a SPF foi representada pelo Secretário-Geral, que continuava a ser o Prof. Filipe Duarte Santos. A partir de 1988 passou a figurar no verso da capa apenas “owned by”, ainda que com um apreciável espaço em branco entre os “antigos” e os “novos”... A SPF passaria a participar nos lucros de publicação da *Europhysics Letters*.

Confesso que cheguei a hesitar se deveria ou não incluir esta pequena história relativa à *Europhysics Letters*. Uma nova leitura de um artigo de Edwin N. Shaw em *Europhysics News*, de Setembro de 1993 – um número alusivo aos 25 anos da EPS – mostrou-me que não se tratava afinal de um segredo numerado, ciosamente guardado em cofre suíço, na sede da EPS, em Genebra... Aquele desenlace foi importante, especialmente por estar em causa uma questão de princípio e, na minha opinião, a própria imagem da EPS. Mas o mais importante foi a evolução da nossa presença na EPS: em fins de 1986 o número de membros portugueses já excedia 50 e alguns físicos portugueses começavam a marcar presença em comissões consultivas (“Advisory Committees”), na direcção de divisões, no corpo editorial de revistas, etc.; mais tarde, na década de 90, essa presença verificar-se-ia, também, na própria Comissão Executiva da EPS. Sinto-me muito honrado por, outrora, ter trabalhado com as duas revistas “históricas” da nossa Física e foi decerto um prazer ter podido contribuir para estabelecer ou reforçar as relações internacionais da SPF.

* Departamento de Física, Universidade do Porto

jmaraujo@fc.up.pt

Notas

- [1] A “diluição” da *Portugaliae Physica*, conjuntamente com várias revistas conceituadas, numa nova publicação de âmbito europeu, sob a égide da EPS, constituirá um final feliz para uma história atribulada iniciada há quase 60 anos.
- [2] O nome de Jaime Xavier de Brito também foi lembrado na *Gazeta de Física*, em 1980 (vol. 3, nº 9), por ocasião do seu falecimento. Creio que o mesmo não se passou com M. Teles Antunes e A. Marques da Silva, talvez porque na altura não se publicasse nem a *Portugaliae Physica* nem a *Gazeta de Física*.

(Texto apresentado na Conferência Comemorativa dos 25 anos da SPF, em Novembro de 1999, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa)